

97. Temos que contar a grande turbulência que passamos

Sérgio dos Santos Silva

Olá, sou Sérgio dos Santos Silva, do povo Galibi-Marworno, tenho 49 anos, nasci e me criei na Aldeia Kumarumã, município de Oiapoque, estado do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa, Terra Indígena Uaçá, onde comecei os meus estudos nos anos 1980, com a primeira série primária na época. Hoje sou graduado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque, também faço Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, também na UNIFAP. Atualmente moro na Aldeia Anawerá, BR-156, Km-102. Trabalho no Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque, sou militante do movimento indígena desde 1996 até a presente data, fui cacique na Aldeia Kumarumã em 2005, hoje sou conselheiro da Aldeia Anawerá. Fui presidente do CONDISI (Conselho Distrital de Saúde Indígena) e também secretário do CCPIO (Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque), e atualmente sou missionário da religião evangélica, graças a Deus.

Então, vou relatar um pouco sobre a pandemia da COVID-19, dessa grande tempestade que se iniciou na China em novembro de 2019, mas que ninguém percebeu a gravidade, já viemos perceber esse ano! Em março as mídias do mundo inteiro estavam divulgando na TV, internet, rádios, entre outros meios de comunicação, o vírus que estava atacando a China e matando muitas pessoas, e que também se expandiu para outros países do mundo. Quando o vírus estava no exterior ainda não era preocupante para nós, indígenas, mas quando chegou no nosso Brasil, com alguns casos suspeitos, aí começou a ficar preocupante para nós. Quando vimos que todos os canais de televisão só falavam dessa pandemia do novo coronavírus e no Brasil já haviam casos positivos em São Paulo e no Rio de Janeiro, começou a vir o desespero do povo amapaense, principalmente os oiapoqueenses e, muito mais, os povos indígenas dessa região de fronteira, das Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi.

Nem deu tempo de nós nos reunirmos e parou tudo, já vieram os decretos dos governos federal, estadual e municipal. Todos os indígenas que trabalhavam e estudavam na

cidade de Oiapoque tiveram que voltar para suas respectivas aldeias de origem, para o cumprimento da quarentena. Aqui em Oiapoque o vírus chegou, a primeira vítima da COVID-19 foi o empresário Miranda, da CRS Miranda. Foi aí que veio o grande desespero das comunidades indígenas, cada povo ficou em suas comunidades, em quarentena.

Mas não teve jeito! As famílias tiveram que vir para a cidade para comprar seus alimentos e receber seus vencimentos. Foi aí que o vírus chegou nas aldeias! Nós, indígenas, começamos a fazer os chás de ervas de vários tipos de medicamentos tradicionais, inclusive o limão com o alho, e com o jambu e o boldo, foi um grande remédio para combater a pandemia. Nas comunidades, as igrejas evangélicas – mesmo com a proibição dos decretos para que não houvesse aglomeração entre as pessoas – se organizaram pra orar, pedindo proteção para Deus, para quebrar a velocidade que o vírus vinha em direção dos povos indígenas.

Nós, da Aldeia Anawerá, oramos quase 24 horas durante todo tempo até hoje, pedindo proteção para Deus, a gente sabe que Deus é tudo nas nossas vidas. Quando nós soubemos a notícia que a doença tinha chegado na Aldeia Kumarumã, aí que veio o desespero, as mulheres, crianças e jovens correram para um lado e para o outro, chorando, dizendo que todos nós íamos morrer. E nós, homens, acalmando, dizendo:

– Calma gente, nós não vamos morrer em nome de Jesus, vamos ter fé em Deus que vai dar tudo certo!

Nós quase não comíamos, não dava essa vontade de comer e nem dava quase fome, e o nosso trabalho era orar, fazendo campanha nas casas das famílias, pedindo proteção para Deus, para ele repreender esse vírus, para não atacar com muita velocidade as pessoas, e assim, com a graça de Deus, não atacou nós, indígenas, com muita força. Morreram poucas pessoas das comunidades do Oiapoque. Sim, essa maldita doença matou gente que estava com problemas de saúde. Eu comparo como uma grande tempestade, com muito vento forte, que passa em uma floresta e consegue derrubar algumas árvores que já estavam com problemas de saúde ou podres, mas esse vírus não pegou muito forte as demais pessoas das comunidades.

Eu e a minha esposa só tivemos três dias de febre e dor de cabeça, garganta seca e a perda do paladar, foi só! Graças a Deus, quando nos pegou, nós viemos da aldeia, chegamos em casa, no Oiapoque, já de tardinha. Aí eu senti meu corpo ruim, falei para minha esposa,

disse que estava com meu corpo febril. Aí minha esposa disse que devia ser do cansaço da viagem. Aí ela disse:

- Você veio dirigindo, deve ser cansaço!

Aí eu disse:

-Não, todo tempo eu dirijo, não fico assim!

Aí não teve jeito, a febre me derrubou na cama, peguei o lençol, me embrulhei, já tomei um remédio para febre. Aí eu suei, quando deu duas horas da manhã a minha esposa caiu com febre. Aí eu disse:

- Meu Deus, só o senhor mesmo agora, não temos ninguém para nos socorrer, para dar pelo menos uma água.

Assim foi que tivemos a COVID-19, mas não deu muito forte, com três dias não deu mais febre, só mesmo a garganta seca, a tosse e a perda do paladar e dor de cabeça, e nós continuamos com as nossas orações, pedindo proteção para Deus, para todo o Brasil, para o mundo e, principalmente, para as comunidades indígenas do Brasil e do Amapá. Teve gente que nem deu febre, só uma dor de cabeça, a perda do paladar e diarreia, mas foi um grande susto para nós indígenas.

Durante essa pandemia da COVID-19 fiquei muito triste de ver os grandes centros desertos, tipo as cidades grandes, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre outras. O nosso Oiapoque ficou triste e deserto, sem circulação de pessoas e veículos, todo mundo usando máscara, foi um sufoco, ninguém era acostumado de usar máscara, mas vivenciamos e atravessamos esse grande obstáculo nas nossas vidas. Temos que contar para os nossos filhos e netos a grande turbulência que passamos e hoje, graça a Deus, já está diminuindo esta maldita praga que nos atacou, Deus em primeiro lugar, já está passando. É por isso que fizemos uma grande festa de agradecimento ao papai do céu, na Aldeia Kumarumã, no período de 14 a 16 do corrente mês, com o tema "Grandes coisas o SENHOR fez para nós; por isso estamos alegres" (Salmos CP. 126 Verso 03). Finalizo meu relato por aqui e quero agradecer a todos.

Oiapoque, Amapá, Brasil

23 de agosto de 2020